 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cen?rios de mobilidade dos povos ind?genas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades ?s vezes produzidas por deslocamentos for?ados motivados por grandes empreendimentos, ou hist?rias de expuls?o de seus territ?rios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE ? 2010) ao redor de um ter?o da popula??o ind?gena vive em espa?os urbanos, enquanto outra parte vive em ?reas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em ?reas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema viol?ncia. A mobilidade ind?gena muitas vezes ? forma de resist?ncia a m?ltiplas formas de viol?ncias: territoriais, culturais, pol?ticas, de g?nero, dentre outras, ?s quais os levam a intensa movimenta??o pol?tica com novas posi?es frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espa?os pol?ticos, como universidades e ag?ncias do pr?prio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na tem?tica ind?gena e ?reas afins que tragam contribui??o para esse debate.

Fronteira étnica e a produção dos discursos dos não indígenas sobre os indígenas da etnia Kaingang da Terra Indígena Apucaraninha, Tamarana-PR.

Autoria: Patricia Carola Facina

O presente work busca explicitar ao leitor/a as relações entre indígenas da etnia Kaingang e não-indígenas, por meio dos discursos dos não-indígenas, de uma fronteira étnica, tendo como limite geográfico nesta pesquisa a cidade de Tamarana-PR, na qual localiza-se a Terra Indígena Apucaraninha. A análise se realiza a luz da antropologia, utilizando-se sobretudo dos conceitos de etnicidade, alteridade, identidade e interação social, evidenciados por Fredrik Barth e trabalhados por Manuela Carneiro da Cunha e outros/as antropólogos/as, os quais explicitam a correlação destes conceitos em suas pesquisas. Utiliza-se das discussões acerca da imposição do não-índio que os colocam na necessidade da venda de artesanatos no meio urbano, trazida sobre o conceito de (re) territorialização, da antropóloga Kimiye Tommasino e também dos dados de Luciana Ramos que estudam/estudaram esta etnia nesta região. Os indígenas e não-indígenas desta área estabelecem contato direto, e estão em relação do que Fredrik Barth coloca como interdependência ou simbiose, logo, há uma relação mutua obrigatória entre os grupos, sendo esta devido a aspectos socioculturais e históricos impostos aos Kaingang, portanto para que seja possível visualizar a implementação destas teorias na pesquisa de campo apresentar-se-á também a incursão etnográfica realizada na terra indígena, em um rodeio organizado pela comunidade indígena a fim de comemorar o dia do índio, 19 de abril. Neste evento as representações dos não indígenas e indígenas, a partir de suas manifestações verbais e/ou artísticas, nos mostraram a criação de categorizações sobre o ser índio, nos evidenciando o resultado da alteridade, operado e verbalizado pelo princípio de categorias e fronteiras étnicas identitárias, vez que se encontram em uma ?zona de fronteira? onde há constante interação. Emprega-se discussões do antropólogo Gersem José dos Santos Luciano como suporte teórico acerca destas categorizações, por ele colocada como perspectivas sociais. Para tanto foi utilizado de análises de Roberto

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> Cardoso de Oliveira e das reflexões de Samuel Veissiére como como suporte metodológico desta pesquisa.
> Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**